

ANNO XI

# A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

Director-Gerente: RODOLPHO FELIPE  
Rod. e Al. Travessa do Commercio, 3 - 2º andar  
Oficina: Ferrari & Buono - Av. S. João, 247

ASSIGNATURAS:  
Anno (52 ns.) . . . . . 10\$000 | Semestre (26 ns.) . . . . . 5\$000  
Número avulso . . . . . \$200 | Pacotes: 12 exempl. . . . . 25\$000

Endereçar toda a correspondencia, vales, e registrados para  
"A PLEBE"  
Caixa Postal 195 - S. Paulo - BRASIL

## OS GRANDES CRIMES DA BURGUEZIA

# Nas selvas pestiferas do Oyapock succumbiram muitos trabalhadores e militantes dedicados ao proletariado

Assassinos! Mil vezes assassinos! A vingança social terá também o seu dia

## UM QUATRIENHO DE CRIMES CONTRA O POVO

Depois de quatro anos do mais negro despotismo, em que o paiz passou sob a vigência do tenebroso estado de sítio, sendo esmagadas brutalmente todas as liberdades públicas, os jornais que não estão e não estavam ajuizados ao carro sôrdido e iníquo do bernardismo, vêm relatando minuciosamente todas as atrocidades, todas as barbaridades e todas as monstruosidades perpetradas contra brasileiros e estrangeiros pelo ex-prisioneiro do palácio das águas e actualmente recluso do povo na capital de Minas.

Mas essa noite macabra de violência e de sangue passou e luz plena e completa está sendo projetada sobre a gente nefasta do quadriénio de lama, pondo à mostra, em toda a sua hediondez, os seus abjetos crimes.

Mas, queremos crer e temos fé que todas essas vítimas não succumbiram em vão.

Devemos prometer a nós próprios que trabalharemos, e nos esforçaremos tanto quanto nos for possível afim de não mais assistirmos a estes espetáculos que só se comprehendem em épocas já passadas.

Todos os homens conscientes de sua dignidade e liberdade, devem conjugar seus esforços para impedir esses retornos atávicos, vergonha de um povo que vive no nosso século.

Acrata

OYAPOCK! Symbolo da tyrannia burguesa



Que os esqueletos dos companheiros dedicados que lá succumbiram sirvam de symbolo na luta serrada pelo proletariado

cursos médicos; os próprios preceitos sanitários e higienicos são desconhecidos. Os infelizes deportados dormem aos grupos de cem e mais individuos. Barracões imundos e asquerosos cobertos de tabuas ou palhas por cima e pelos lados — eis os alojamentos. A febre palustre, a desintoxicação, a gastroenterite encontram nelas um vasto e amplo campo de propagação, fazendo, impunemente, vítimas diárias. Acresce a tudo isto a alimentação deficiente, imprópria e irregular e, na maioria das vezes, sem temperos de especie alguma.

As associações do Rio e de São Paulo foram fechadas a 5 de Julho do anno passado e seus principais militantes presos, seguindo vários destinos. Muitos dos que tiveram a felicidade de não ter nascido em terras brasileiras, foram deportados para seus países de origem, outros, nacionaes e estrangeiros, foram ter às regiões do Oyapock, após longos meses de horrores inenarráveis a bordo dum navio.

Estando o paiz em regime de guerrilhas que irrompem ora aqui, ora aquela; perpetuando-se o estado de sítio, a censura na imprensa e na correspondencia postal; sem recursos; por assim dizer, incomunicáveis, estando as agremiações operárias e libertárias guardadas pela polícia; não nos sendo concedido o direito da imprensa, da mais simples defesa, em virtude da reacção desencadeada barbaramente contra todos aqueles que, mais ou menos, desassombradamente não vacilam em manifestar publica e francamente suas ansias de independência, erguendo alta e heroicamente seu protesto contra os desvios, os desmazelas e desmandos que vinhão ferir a Liberdade, a Razão e a Justiça, estaremos condenados à morte, se uma força estranha, porém, amiga e irmã, não partir de todos os ambitos do universo, repercutindo em todos os corações generosos e libertários. Se os homens de alma nobre, de bom senso não se decidirem a prestar seu apoio moral e material em prol da nossa liberdade, pereceremos fatalmente.

O Oyapock é um lugar sem re-

que tendes pais, esposas, filhos, irmãos, noivas e amigos queridos! Vinde até nós! Volvei vossas visitas para os horrores do Oyapock! Nesta região mortífera moribundam camaradas que como vós também têm pais, esposas, filhos, irmãos, noivas e amigos queridos! Trabalhemos pela sua liberdade, pela reintegração aos seus lares saudosos ao seio dos seus extremos amigos.

Desampara-los é concorrer para o triunfo da prepotência governamental em aniquilar os idealistas; auxilia-los é concorrer para mais uma vitória da solidariedade internacional!

Quinze foi o numero dos anarquistas deportados para o Oyapock. Quatro morreram — José Maria Fernandes Varella, José Alves Nascimento, Nicolau Paradas e Nino Martins; cinco conseguiram sahir, os seis restantes são: Manuel Ferreira Gomes, Thomas D. Borelli, José Baptista da Silva, Biophilo Pancasta, Pedro A. Motta e Antonio Salgado.

São as indefesas vítimas dum regime injusto e prepotente que, à beira do tumulto, appellam para os vossos bons sentimentos de humanidade.

Que um protesto unisono faça tremer novamente a burguezia como nos casos Sacco e Vanzetti, Nicolau e Matheu e tantos outros antigos e recentes que constituem as glórias da solidariedade internacional.

Oyapock, Setembro 1925.

Domingos BRAZ



PEDRO AUGUSTO MOTTA  
Redactor d' "A Plebe" falecido no Oyapock

cio de não terem recursos para comprar a sua liberdade aos agentes que os prenderam; e vários sindicalistas e anarquistas — operários e intelectuais — por amarem e propagarem e amarem seu ideal de Amor, Paz, Liberdade e Harmonia, crime que todos os governos não perdoam.

De aproximadamente mil deportados resta, mais ou menos, metade. Insignificantíssima é a percentagem proporcional dos que conseguiram sahir deste inferno, comparada com a dos que morreram. Os falecimentos diários variam entre dois, três, quatro e até oito.

O Oyapock é um lugar sem re-



NINO MARTINS  
Militante libertário falecido no Oyapock

Luctando contra todas as formas de tyrannia, almejamos o bem-estar e a liberdade para todos.

## A CLASSE TRABALHADORA E A SITUAÇÃO

### A todos os homens de consciencia livre

Em agosto do anno passado um grupo de camaradas editou e distribuiu profusamente pelo paiz o boletim que reproduzimos a seguir.

Esse boletim foi enviado para outros países, sendo reproduzido por grande numero de nossos jornaes:

Não é mais possível silenciar. Foram-se passando semanas, meses e annos e nem assim a prevenção transformada em ódio de classes contra os trabalhadores abrandou, diminuiu o seu rigor.

Muito ao contrario, a perseguição ao operário que se dedica ao movimento associativo de sua classe, ao obreiro que, pela observação dos contrastes chocantes da vida e pelo estudo se interessa, adopta e procura propagar os princípios syndicalista ou socialista em suas várias escolas, tornou-se uma obra permanente, fazendo vítimas inocentes, cujo sacrifício fica sepultado no silêncio de uma situação feita de terror e de pusilanimidade.

Todas as classes podem fundar

e manter livremente as suas associações. Os industriais servem-se de suas associações para fazerem pressão sobre os poderes públicos e conseguem privilégios draconianos.

Os trabalhadores que pelo seu

espírito de sacrifício, pela sua dedicação, mais actividades desenvolvem no meio associativo, são usados por toda a parte como e fossem criminosos vulgares, são presos, metidos em imundas prisões semanas e meses.

Essa perseguição ainda tomou maior vulto depois da revolução de 1924 e com o estabelecimento do estado de sítio.

A historia do martyrologio do proletariado registra nestes dois ultimos annos casos horríveis, que, relatados ao mundo civilizado, provocaram os protestos de todas as consciencias rectas. Em Julho de 1924 fizeram-se prisões em massa de trabalhadores, que nada tinham que ver com o movimento militar.

Os operarios Domingos Passos, Pedro Carneiro, Domingos Braz, Antonio da Costa, José Alves do Nascimento e Manuel Ferreira Gomes estiveram presos em solitarias e inmundos cubículos durante meses, depois foram transferidos para bordo de navios, onde estiveram sujeitos a trabalhos forçados. Como se toda essa serie de sofrimentos não bastasse, foram deportados para a inhospita região do Oyapock, onde após indescritíveis padecimentos, vieram a perecer, por falta de alimentação, de socorros medicos e pharmaceuticos em completo abandono, roidos pelas febres mala- ligas e pelos vermes, longe de suas famílias, deixando mães, noivas, esposas, irmãs impossibilitadas de lhes prestar qualquer socorro.

Os operarios Domingos Passos, Pedro Carneiro, Domingos Braz, Antonio da Costa, José Alves do Nascimento e Manuel Ferreira Gomes estiveram presos em solitarias e inmundos cubículos durante meses, depois foram transferidos para bordo de navios, onde estiveram sujeitos a trabalhos forçados. Como se toda essa serie de sofrimentos não bastasse, foram deportados para a inhospita região do Oyapock, onde após indescritíveis padecimentos, vieram a perecer, por falta de alimentação, de socorros medicos e pharmaceuticos em completo abandono, roidos pelas febres mala- ligas e pelos vermes, longe de suas famílias, deixando mães, noivas, esposas, irmãs impossibilitadas de lhes prestar qualquer socorro.



JOSE' MARIA FERNANDES  
VARELLA

Collaborador d' "A Plebe" falecido no Oyapock

## NO SILENCIO DAS SELVAS...

### DO EXILIO

Sob a ameaça da morte, vendo os companheiros succumbir, Domingos Braz dá este exemplo de firmeza libertaria, que oferecemos aos que recuarão por pusilanimidade ou malabarismos políticos.

*No negra solidão deste degredo infuso,  
Neste recento agreste onde a malaia impera  
Numa angustia ferina e atroz que desespera,  
A vida a pouco e pouco se vai, além, sumindo.*

*Em meio da mata brava a Razão prolifera,  
Medra, se concretiza e, alegre, vai florindo.  
O vergel do futuro, esperançoso e lindo  
C'os fructos da Verdade acena a quem espera.*

*Bondoso e revoltado, o coração ferido  
Proseguirei no lute heroico e destemido  
Bradando altivamente: — Abaixo a tyrannia!*

*Além ja se devisa o Sol da Redenção  
Que um passo marcará na humana Evolução.  
E' o sol da liberdade, a sublime Anarchia!*

Domingos BRAZ

Oyapock — 1925.

(Publicado no Suplemento Semanal Ilustrado da "A Batalha", de Lisboa)

# Flagrantes de um grande crime social

AS AGRURAS CHOCANTES DE NOSSOS CAMARADAS DES-  
CRITAS POR ELES MESMOS

CARTAS QUE CONSTITUEM DOCUMENTOS ESCALDANTES DO  
HEDIONDO DELICTO DO CAPITALISMO

## AS MISERIAS DO CALABOUÇO DO RIO

Uma carta de Pedro  
A. Motta

"Calabouço da Polícia Central —  
RIO, 28-4-925.

Presados camaradas — Saude e  
liberdade!

Hontem, enviei para o correio de  
um *submario* accusando o envio de  
um anterior referente ao recurso  
que me foi enviado por intermedio  
do A. P.. Entretanto, o primeiro  
não seguiu o destino porque o portador  
não foi posto em liberdade e  
sim mudado apenas de prisão. Co-  
mo ignoro si o segundo foi remetido,  
escrevo este pelo primeiro portador  
a ver se cumpre com a sua  
palavra. O recurso que nos foi en-  
viado veiu acompanhado de um  
bilhete assinado pelo P. e, segun-  
do afirmou o Nino que o leu, ac-  
cusava a remessa de 150\$. Entre-  
tanto, o carcereiro só entregou 90\$,  
sem explicar a razão.

No dia seguinte pela manhã,  
chamei o carcereiro e pedi explica-  
ção ao respeito do bilhete e do  
dinheiro dizendo-lhe tratar-se de  
um *cunhado* de minha companheira  
e por isso me interessava saber  
qual a explicação dada por elle sobre  
a importancia enviada e a re-  
cebida. O carcereiro respondeu-me  
que apenas tinha recebido 90\$, igno-  
rando que o bilhete accusava 150\$. — Qual terá sido a verdadeira  
quantia?...

Passaram-se 3 dias; volta o mes-  
mo carcereiro e me chama a falar  
com ele, dizendo-me que o P.  
tinha ido para S. Paulo e que vol-  
taria à noite ou no dia seguinte e  
que passaria um recibo da impor-  
tancia que me enviou e eu assigna-  
ria um outro do que recebi. Muito  
bem, respondi-lhe. — Mais 3 dias  
se passaram e o mesmo carcereiro  
me chamava apresentando um  
bilhete firmado pelo P. que me pe-  
dia accusar te recebido a importan-  
cia de 90\$. Em seguida decidi ao  
portador que já estávamos sem re-  
cursos. — Dos 90\$ o Nino delibera-  
rou gratificar com 10\$ o carcereiro  
e este sem nos ouvir, apresentou-

nos 3 maços de cigarros 17 e 6  
sandwiches comprados por elle com  
o nosso dinheiro no valor de 10\$. Restavam-nos 70\$, que foram divi-  
didos entre os 3. O Nino perdeu a  
sua parte, pois foi assaltado pela  
quadra de presos organizada. A  
minha e a do Varella escaparam do  
assalto porque resolvemos por ta-  
ctica gasta-a em commun com os  
mesmos presos; pouco ou nada nos  
rendeu. — Devido a isso, insisti  
em pedir aos camaradas que con-  
municarem ao P. do que houve e  
que não nos remetta mais dinhei-  
ro. Aqui o que precisamos é de al-  
imento e so este podera escapar a  
furia da quadra. Para nos resis-  
tirmos à tortura é  
bastante enviar-nos diariamente 2  
kius de pão e, sendo facil, um peda-  
ço de queijo, salame ou algumas  
bananas.

Para isso o mais pratico é o  
P. entrar em entendimento com  
uma padaria, confeiteria ou cate-  
das imediações da P. C. afim de nos  
enviar o necessário. O pagamen-  
to deve ser feito adiantadamen-  
te de 1, 2 ou 3 dias, como elle ju-  
gar conveniente. Jugo de grande  
valia que o P. faça chegar dentro  
de 1 pão ou de um cigarro o seu  
endereço com um nome suposto  
para melhor nos entendermos. Elle  
poderá ser o depositário aqui do que  
nos for remetido. Uma vez com o  
seu endereço, escrever-lhe-ei sem-  
pre e elle estará mais ou menos ao  
par do que aqui se passa e do nosso  
destino. Sem mais abraços do

Motta

## A MINHA CULPA: SER FIEL AOS MEUS IDEAES

Diz Varella numa carta

"Amigo:  
Procuro falar à companheira e  
diz-lhe que não se impressione. É  
conveniente ella tratar da saude  
da, embora eu passe algo pior.  
É um grande sacrifício o que elle  
está fazendo e as suas forças não  
lho permitem. Eu procurarei co-  
mer o que dão aqui afim de evitar  
algunas viagens e despesas. Quan-  
to ao meu estado é regular. Estou

Martins, Pedro A. Motta, José  
Fernandes Varella, Nicolau Paradas e Thomaz Borche, de Santa  
Catharina.

Enviados para a região maldita  
do Oiapock, receberam a sua  
condenação à morte e, longe dos  
seus entes queridos, foram todos  
tombando à margem dos pantanos  
daquelles sertões mortíferos. Os  
operarios Adolpho Marques da  
Costa, Antônio Vaz, Vicente Llorca  
e José Manzini, apesar de resi-  
direm há muitos annos no Brasil,  
onde viviam do seu trabalho ho-  
nesto, foram expulsos, por essa oc-  
casão, para os paizes de nasci-  
mento, apenas porque eram homens  
conscientes e idealistas que  
dedicavam o tempo destinado ao  
seu repouso à propaganda asso-  
ciativa. Ainda agora, acabam de  
ser expulsos tres operarios todos  
eles residentes no Brasil há lon-  
gos annos, José Lozano Mateu,  
Fernando Ganga e Ernesto Lopes.

Foram acusados de algum cri-  
me? Não; de falta alguma puderam  
as autoridades inculpá-los. Es-  
tiveram presos meses e foram de-  
pois expulsos porque eram homens  
que pensavam com o proprio cere-  
bro, que sustentavam os principios  
de reivindicações sociais e pro-  
pagavam os seus ideaes.

No Brasil, como se vê, os tra-  
balhadores só podem ser machinas  
para o trabalho, sem nenhum di-  
reito de ter idéias e muito menos  
de propagá-las.

A vida do trabalhador digno, do  
trabalhador consciente, daquele  
que se liberta dos vícios e dos pre-  
conceitos, daquele que despreza  
os centros de corrupção e a politi-  
cagem e trata de trabalhar pela il-  
ustração de sua classe, estimulan-  
do a defender os proprios di-  
reitos tornou-se um calvario nesta  
terra de tão decantados princípios  
democraticos.

Nos paixões do Oiapock as  
caveiras dos infelizes que perce-  
ram victimas da maldade de ho-  
mens pervertidos atestam toda  
uma historia do martyrologio dos  
trabalhadores.

Denunciamos todas essas infa-  
mias. Nenhum homem de con-  
sciencia recta poderá silenciar ante  
tantas ignominias. Nós lançamos o  
nossa protesto vehemente.

Que no Rio, S. Paulo e em to-  
dos os recantos do Brasil protestem  
os homens livres!"

Só encontro nos milhares de vo-  
cabulos portuguezes um que pôde

definir a minha phycne actual.  
E este: *merda para as miseras hu-  
manas!*

Deste bilhete tu so dirás a com-  
panheira o que julgares conveniente.  
De mim nada mais direi. Caso  
algum se lembre de enviar al-  
guns recursos, deve fazel-o com  
urgencia e dirigil-o a meu nome,  
pela simples razão de que, estan-  
do eu desde 1º de Maio separado  
dos collegas Motá e Nino, tor-  
na-se mais facil eu receber os e  
transmitir os a elles, devido à mi-  
nha doença. Caso um rapaz cha-  
mado X. esteja ahi diz-lhe, que  
na rua; Rio, perto da Policia  
Central, ha um botequim que for-  
nece comida aos presos. Se al-  
guem houver no Rio que possa  
entender-se com seu dono, elle  
poderá trazer para nós algum ali-  
mento, sempre que lhe paguem no  
acto. Tambem elle pode ser inter-  
mediario afim de que eu possa re-  
ceber algum recurso, porém só  
pessoalmente; nada de corres-  
pondencia em matéria de arame...  
Se a companheira vive e ain-  
ma-a: não deve alarmar-se por co-  
isa alguma. Ninguem no mundo me  
conhece melhor do que elle; por-  
tanto, é só a elle que eu julgo  
capaz de conhecer de perto a  
grandeza de meus sentimentos  
ideais. Na minha vida não tenho  
um só acto que não esteja de ac-  
cordo com a minha dignidade —  
sigo sempre os impulsos e estes  
em mim emergem do cerebro e do  
coração. Vivo como penso, eis tu-  
do. É verdade que sou demasiado  
exagerado, talvez, para com a  
companheira; não importa, a  
exaggeração é o principio da sa-  
bedoria, pelo menos, é sempre o  
afan de algo superior... Acorda  
um amplexo do amigo e transmite  
à tua familia a minha gratidão per-  
nas boas atenções que sempre me  
dispensou. Recomendações aos  
companheiros da officina e seus  
proprietarios. A todos um aperto  
fraternal.

## A HORRIVEL ODYSSEIA DE VARELLA

Os padecimentos de sua  
companheira eram a  
sua tortura no carcere

### UMA CARTA QUE ESPELHA UM CARACTER

Amigo:  
Espero que tu desculpes algu-  
mas massadas que vou occasionar,  
porem sou forçado a isso pelas  
circunstancias.

Achando-me em estado debaixo  
de saude e como a vida do  
nomem não é eterna, desejo que  
tu faças o seguinte: Dizes à  
companheira (caso esteja viva)  
que procure falar ao dr. A. de  
Assis, fazendo-lhe ver o meu es-  
tado e, assim, solicitar delle uma  
permisso para ella poder, sendo  
possivel, ver-se comigo e ultí-  
mar algumas cousas puramente de  
ramina, pois bem poderá succe-  
der que a materia passe á sua  
graua função bio-logica... Sendo,  
de facio, o meu estado decaido,  
devido a doença no estomago to-  
mar cada vez mais incremento, e  
preciso que elle, contudo, não  
saiba da verdade, afim de não ag-  
gravar a sua doença, comprehen-  
des?

Tu deves apenas insinuar, isto  
é, fazer-lhe ver a conveniencia des-  
sa ideia, porem não revelando a  
gravidade do meu estado. Caso elle  
vem também dizer-lhe, aquelle dr.  
já mencionado (devedo ir soshina  
a sua presença) e ouvirá com aten-  
ção o que elle lhe disser. Con-  
vém tambem dizer-lhe, áquelle dr.  
que estávamos para embarcar pa-  
ra a Argentina quando eu fui deti-  
do... Só esperava a completa con-  
valescença do týpho. Digo isto por-  
que, num diagnostico medico, que  
deve estar na Policia de S. Paulo,  
aconselha-se a mim e a companheira  
a retirarmos deste clima. Porem,  
eu não disse a elle o resultado  
desse diagnostico para não impres-  
sional-a, pois eu estava tratando de  
convencela lentamente, porque  
ella sempre ignorou o seu verda-  
deiro estado fisico. Francamente,  
é essa a unica cousa que lamento  
profundamente, não ter podido tra-  
tar da saude da companheira, co-  
mo era minha unica aspiração.  
Quanto a mim estou certo que não  
tenho mais cura. As miserias por  
que tenho passado estes dois ou  
tres (já vai em 3) meses, ultra-  
passou os limites da minha estruc-  
tura organica. O meu todo physico  
é demasiado debil para a  
odyssea antipoda ás leis do pro-  
gresso. Se, por ventura, a com-  
panheira vier a falecer ou já fale-  
ceu, então tu escreverás á minha  
irmã e contarás o que sabes a meu  
respeito. — Nos enveloppes de meu  
cunhado encontrarás o endereço.

Como estou semi-nu', deve tra-  
zer um terno de brim, uma camisa,  
collarinho e gravata, uma camisa  
de noche. Se não tiver recursos, que  
procure alguns amigos e junte a im-  
portância de 100\$; acho que chega.  
Logo, se ella falar a mim, levará  
uma carta para meu cunhado  
e elle pagará aquella importan-  
cia a quem lha facilitar. E' conve-  
niente trazer o endereço do P. ou  
do dr. F., afim de poder estar aqui  
uma ou duas noites.

Amigo: Devido ao meu estado  
de saude, hoje resoli o seguinte:  
caso a companheira esteja viva e  
possa viajar, deve dispôr-se a fa-  
zer uma chegada até o Rio.

Como estou semi-nu', deve tra-  
zer um terno de brim, uma camisa,  
collarinho e gravata, uma camisa  
de noche.

Camarada:  
Esta tem por fim informar-te do  
logar em que nos encontramos e  
dar-te o nosso novo endereço.

A doze do corrente conseguimos  
fugir da Clevelandia e aportarmos  
em Saint George, uma povoação  
franceza, á margem do Rio Oya-  
pock.

E' verdade que daqui tambem  
é difícil sahir e é quasi impossivel  
a vida, por falta de trabalho; po-  
rém, livrarmos das humilhações  
e tyranias de que eramos victimas  
é assombroso. Nem pão tenho co-  
modo... A não ser algum preso  
que, de vez em quando, sympathiza  
comigo, já teria perecido á min-  
gua. Enfim, as lamentações são  
proprias para as portas das necro-  
poles.

Só encontro nos milhares de vo-  
cabulos portuguezes um que pôde

## O ideal pelo qual luctamos

### Criterio economico

Somos communistas - anarquistas.

Como communists atacamos a instituição da propriedade, e a moral que a tem por base.

No monopolio da riqueza produzida por todos, sem que  
a parte de cada um possa ser rigorosamente determinada, na  
apropriação individual da terra, dos meios de produção e de  
comunicação, bem como dos produtos, vemos nos a origem  
principal da miseria e do aviltamento da grande maioria, da  
insegurança e inquietude de todos.

Estamos, por isso, convencidos de que a unica solução  
para este problema é a seguinte: destruir esse terrível direito  
de vida e de morte que tem o proprietario, señor dos meios  
de produção, sobre o trabalhador desprovido de tudo, comuni-  
cando, isto é, ponho a disposição de todos à terra, os meios  
de trabalho, os meios de comunicação, as matérias primas,  
tudo posto em ação por todos e em proveito de todos.

Queremos uma sociedade que tenha por fim assegurar a  
cada um o seu desenvolvimento integral; uma sociedade em  
que o trabalho, tendendo à satisfação das necessidades dos in-  
dividuos, seja escolhido por cada um e organizado pelos pro-  
prios trabalhadores.

### Criterio social

Tomamos o nome de anarquistas ou libertarios, porque so-  
mos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições po-  
líticas que tem por fim impor, a todos, os seus interesses e a  
sua vontade, máscara ou não com a vontade popular.

Constituindo por si mesmo uma classe privilegiada, o Es-  
tado, no caso de subsistir depois de suprimida a classe bur-  
gueza, seria levado pela necessidade da propria conservação a  
restabelecer o privilegio, criando um partido seu, interessado  
em sustentar, mesmo atentando contra os direitos da colle-  
ctividade.

Somos, pois, anarquistas, porque queremos uma sociedade  
sem governo — uma organização social livre, constituída do  
individuo ao grupo, do grupo a federação e a confederação,  
com desprezo de barreiras e fronteiras, sendo a associação ba-  
sada sobre o livre acordo e naturalmente determinada e re-  
gulada pelas necessidades, aptidões, lucras e sentimento dos  
individuos.

Essa é a organização social correspondente ao comunismo  
e que poderá garantir a igualdade de condições económicas.

### Methodo de ação

Cocepção integral, o comunismo-anarquista tem um me-  
thodo proprio de ação, baseado na livre iniciativa e na solidar-  
iedade.

Os "poderes publicos" cedem apenas as liberdades que  
são tomadas. A lei é inutil, quando não é nociva; fica letra  
mortua, quando registra uma liberdade, se o povo não a de-  
fende e usa.

Repujamos, portanto, a ação eleitoral e parlamentar, que  
so serve para reforçar o Estado, dar prestigio às velhas insti-  
tuições autoritárias e adormecer as energias populares.

O nosso methodo e a ação directa, que desde já, ainda na  
conquista de pequenos melhoramentos actuais, tende a desper-  
tar a iniciativa, o espírito de espontaneidade, a decisão, a cora-  
gem, ensinando a massa popular a agir por conta propria, a  
unir-se e a viver sem tutela.

Consideramos como nossa tarefa mais urgente a obra da  
organização, no campo económico, com os trabalhadores, e no  
campo ideológico por meio dos grupos federados entre si, con-  
temporaneamente com o desenvolvimento da propaganda oral  
e escrita dos nossos principios e contra a ignorância, os pre-  
conceitos e os vícios, como preparação da luta decisiva que os  
opprimidos e espoilados deverão sustentar contra o capitalismo,  
pelos meios proprios da ação directa, levados pela necessidade  
e pela consciencia da propria força.

em a ultima carta, se achasseste je-  
cursos, envia-nos a nova direcção.

Os camaradas que aqui se acham  
são os seguintes: Jose Baptista da  
Silva, pernambucano, 36 annos,  
pedreiro; Thomaz Deslitz Borche,  
Uruguay, 29 annos, empregado do  
commericio; Pedro Augusto Motta,  
Ceará, 31 annos, typograph; Dom-  
ingos Braz, Itália, 22 annos, prof.;  
Manuel Ferreira Gomes, portuguez,  
39 annos, pedreiro.

Mando os nomes, nacionalida-  
de, idade e profissão de cada um  
de accordo com a que demos para  
orientando-se no caso de consegui-  
rem os salvo-condutos. Estamos  
todos com saude.

Sem outra razão, lembranças a  
todos os camaradas.

*Manoel Ferreira Gomes  
Saint Georges - Guyanne Française  
Via Cayenne.*

Nota — Comunique esta di-  
recção e os nomes para os camara-  
das de São Paulo.

## MOTTA COMMUNICA A<br

# A proxima feira eleitoral

A POLITICAGEM CORRUPTORA PROCURA ARRATAR O PROLETARIADO PARA O VALHACONTO PARLAMENTAR

Trabalhadores: Repelli os exploradores politicos, embora se apresentem sob a denominação de partidos ou blocos operarios! Não nos esqueçamos: A emancipação dos trabalhadores tem de ser obra dos proprios trabalhadores!

Em negra, as eleições no Brasil, feitas sem eleitores, passam despeçadas para o gresso do público. Desta vez, porém, as proximas eleições para o parlamento federal prometem ter, pelo menos no Rio, um pouco mais de animação.

Planejam-se e organizam-se já varias espécies de fraudes, procurando-se multiplicar o numero de eleitores, faz-se a caça ao voto. Os candidatos, que andam numa roda-viva, desfazem-se em cumprimentos e promessas para todos os lados, a todas as classes socias. Em sorrisos e apertos de mão não são nada avarejos: o que vem encher de contentamento certas vaidades ingenuas, bem faceis de conter, na verdade.

Estão sendo postos em prática todos os manejos da politique corruptora. Socialistas agua-de-rosa e bolchevistas palavrosos, no mesmo dia da caça ao voto, formam coligas com candidatos mais ou menos socias e formam blocos em nome dos trabalhadores para depois poderem chegar à gamella parlamentar.

E tudo isso fazem para beneficiar o proletariado, jurando que defenderão os seus direitos. A historia do parlamentarismo está cheia dessas misérias.

Todos os candidatos têm passado pelo poder: nada fizeram pelo proletariado, ainda pela singela razão de que nada poderiam fazer, salvo discursos. Agora prometem tudo, mesmo a iua, a salvação e o céu, apresentam projectos de lei, fazem juramentos, batem murros

durdos a 200\$000 e temos que comermos diariamente.

Sen mais abraços de todos os camaradas.

Pedro A. Motta

## UMA CARTA QUE É UM GRITO DE AGONIA

Saint-George, 2-2-926.

Camarada:

Cordeas sanduicheas.

Ao dirigir-me a ti, faço-o na intenção de quem espera ser atendido, pois estou persuadido de que não regatarás o que te peço.

Camarada: Se não fosse a situação horrível e desoladora por que estamos passando neste momento, não te pederia coisa alguma.

Peço-te que faças o possível de falar com outros camaradas afim de nos arranjar recursos para nos tirarmos desta situação em que jazemos.

Quando chegamos a S. Jorge, na Goyana Francesa, ainda tínhamos aguado recursos enviados daí pelos companheiros. Depois, porém, de aqui estarmos um mês e tanto, esses recursos se esgotaram e ficamos numa situação critica, pois não ha trabalho.

O camarada Pedro A. Motta faleceu aqui no dia 12 de Janeiro, devido á falta de medicamentos e de alimentação, como outros têm falecido.

Assim que aqui chegamos, comunicamos para ahi o nosso endereço, mandando pedir os nossos salva-condicatos. Não sabemos se foi entregue essa carta. O certo é que não recebemos resposta.

De todos os camaradas que vieram para aqui apenas restam tres. Antônio Salgado da Cunha baixou hoje ao hospital da Goyana em misero estado, com os pés quasi podres de bichos, frieras e outras molestias proprias daqui. Nós estamos quasi na mesma situação.

E só nestas condições se consegue obter um lugar no hospital, o que quer dizer que quando um indivíduo está quasi morto é que é admitido no hospital.

Essa é a situação miserável em que aqui nos encontramos.

Estamos aqui José Baptista da Silva, pedreiro, socio da Construc-

ção Civil; Thomaz Borche e Ma-

nuel Ferreira Gómes.

no peito. Tenha o operariado a bondade de os ajudar a treparem, e vera como elles lá de cima lhe atrairão punhos de felicidades e biscoitos e resloverão num instante a questão social.

Tudo isto dá largos motivos para a plena expansão de todos os sentimentos. Democrito iria e Heráclito derramaría ardentes lagrimas. Nós diremos simplesmente aos operarios que nos ouvem estas paixões:

Não confieis nos salvadores. Eles só poderão dar-vos lias, direitos inscritos num papel, trapos sem valor, ou carregar-vos de impostos, para vos oferecerem melhoramentos... à vossa custa. Unidos, estudei, agi, adquiri a consciencia dos vossos direitos, fazei-vos fortes, pe-a organização, pela acção e pelo estudo, para resistir à exploração e às prepotencias, venham donde vierem. Agi vós mesmos, porque ninguém vos salvará, senão vós próprios.

Quando o operariado confia em leis e deputados, deixa enfraquecer a sua organização, abater a sua energia. Quando elle abandona a confiança nos outros para só confiar nas proprias forças começa a fortalecer-se e a prosperar, a conhecer o caminho que pisa e o fim para onde vai. Assim fareis vós, se quereis vencer.

E, sobretudo, dizemos ao proletariado do Brasil:

Não insulteis a memoria dos companheiros dedicados que succumbiram no Oyapock por não temer querido abandonar a causa dos trabalhadores!

## MARQUES DA COSTA DESCREVE A SUA DOLOROSA SITUAÇÃO

### UMA CARTA DA PRISÃO DO LIMOEIRO DE LISBOA

Lisboa, Limoeiro, 15 de Janeiro de 1924.

Preso camarada A. Motta.

Tenho presente a ultima carta que endereçaste aos camaradas de "A Batalha", aquela junto á qual enviaste o recorte da "A Noticia", com a inserção de tão bombastico quanto fantastico telegramma a respeito da imaginaria fuga de que eu teria sido heroe.

Desgraçado daquelle que tem de fazer ju's a uma campanha como a que a polícia do Rio me moveu, que delas tudo se imagina e diz, quando se deseja crear um ambiente de desmoralização.

Isso que está a suceder comigo não me espanta visto que a imprensa vive amordaçada e só pode publicar o que seja matéria prestigiadora dos actos governamentais. Os dois jornais que poderiam falar bem de mim, no Rio, não o fazem, não só pela mordança que os tolhe, também porque atendem, mais do que á situação do seu ex-redactor, aos seus interesses políticos e mercantis.

"A Plebe", essa, pode-se dizer, está morta! E ninguem sabe quando resurgirá como nouros tempos das cinzas que della mesma fizera!

De quem devo, pois, esperar alguma coisa no sentido de me reabilitar moralmente aos olhos daquelle que, são nossos camaradas, eram hontem meus amigos e da minha obra de propaganda? Nada melhor que esperar que o tempo fale.

Agradeço-te o interesse que tomaste por mim e peço-te que não deixes de me dar notícia tuas, como de todos os nossos e do nosso boje esfacelado movimento.

Sei o que vos aconteceu embora por alto, porque o F. me escreveu do lugar onde está.

Como vés, continuo preso. Talvez vá responder em fins de Fevereiro. E como não ha provas de que eu tenha siquer convivencia no attentado, é provavel que me absolviem.

Receio, entretanto, que a justi-

ca do meu paiz seja vesga demolidamente, como tantas vezes tem sido!...

Peço-te que me envies todos os recortes de jornais que, compreendes, poderem interessar-me.

Recebe abraços do camarada e amigo certo

Marques da Costa

## CHEGA A NOTICIA DA MORTE DE PEDRO A. MOTTA

Rio, 25-926.  
Caro amigo.

Recebi hoje uma carta da noiva de Domingos Braz noticiando-me que elle está em Belém, com relativa saude. Pede que ella escreva para S. Paulo á familia de Pedro Augusto Motta, participando a morte deste, ocorrida no dia 15 de Janeiro.

## MARQUES DA COSTA CONSEGUIU FUGIR DA GUINE

Appareceu nos jornais um telegramma de Portugal noticiando que o camarada Marques da Costa, daqui deportado para aquelle paiz e que lá, em virtude das infames informações da polícia brasileira, fora desterrado para a Guine, conseguiu fugir do presidio em que estava, chegando a Dakar, na Senegambia, no mês de Janeiro.

O telegramma fala, estupidamente, no "legionario vermelho", referindo-se ao nosso dedicado camarada.

Havemos de esmiuçar em outros numeros toda a série de torpezas de que Marques da Costa foi vítima da parte dos agentes do capitalismo e de certos elementos mystificadores metidos no meio proletario.

## OS MILITANTES LIBERTARIOS VICTIMAS DA REAÇÃO

Pelas informações que conseguimos obter, succumbiram em consequencia das torturas, das misérias, da fome e da falta de assistencia medica, no Oyapock, os seguintes camaradas:

Pedro Augusto Motta, de S. Paulo.

Nino Martins, de S. Paulo.

José Maria Fernandes Varella, de S. Paulo.

Nicolau Paradas, de S. Paulo.

José Alves do Nascimento, do Rio de Janeiro.

Inicialmente, porém, parece que temos de registrar a morte de mais algumas victimas da ferocidade burguesa, assassinadas por sustentarem os principios anarchistas.

Além do camarada José Oiticica, que esteve nas ilhas do Rio de Janeiro longos meses, grande foi o numero de militantes libertarios que estiveram presos, aqui, no Rio, em Santos e noutras cidades, sofrendo toda sorte de humilhações, chegando alguns a serem espancados.

Se são exactas as informações colhidas, conseguiram escapar á morte certa no Oyapock, por terem fugido a tempo, os camaradas Pedro Carneiro, Domingos Passos, Antonio da Costa, do Rio de Janeiro, e Domingos Braz, de Petropolis.

Não temos noticias certas dos camaradas José Baptista da Silva, Manoel Ferreira Gómes, Thomaz Derlitz Borche, Biofilo Pancrasta, que haviam fugido do Oyapock para a Goyana Francesa.

## DOMINGOS PASSOS CHEGOU AO RIO

Pelo vapor Manaus, em companhia de mais uma leva de victimas da ferocidade burguesa, regressou, no dia 3, do Oyapock, o nosso dedicado camarada Domingos Passos, activo militante do Rio de Janeiro.

Ao bom amigo e a todos os camarheiros trabalhadores que com elle regressaram, o nosso fraternal abraço.

## O auxilio ás victimas

Alim de prestar auxilio aos camarheiros presos e deportados e a suas familias, foram feitas subscrições aqui, no Rio de Janeiro e noutras cidades.

Nos proximos numeros iremos publicando as informações necessarias sobre as importancias recebidas e o emprego do dinheiro collectado.

Agradeço-te o interesse que tomasse por mim e peço-te que não deixes de me dar notícia tuas, como de todos os nossos e do nosso boje esfacelado movimento.

Sei o que vos aconteceu embora por alto, porque o F. me escreveu do lugar onde está.

Como vés, continuo preso. Talvez vá responder em fins de Fevereiro. E como não ha provas de que eu tenha siquer convivencia no attentado, é provavel que me absolviem.

Receio, entretanto, que a justi-

## A BURLA PARLAMENTAR

As ideias anarchicas são muito complexas e embatem contra muitos prejuicos, sendo necessário que longas e repetidas experiencias vênam mostrar o seu fundamento. O anarchismo é um renovamento de methodos e principios em todos os campos; e enquanto as outras escolas socialistas, no terreno politico, seguem velhas correntes e methodos antiquados, mantendo a ilusão democratica, o anarchismo tem uma acção, uma luta politica que choca os preconceitos arraigados e os habitos adquiridos, a preguia da mente e do braço.

Enquanto todos os outros conservam ou renovam a estupida e enervadora crença nos milagres da lei e da acção (?) eleitoral e parlamentar, o anarchismo ensina com os factos que os homens só têm a liberdade que sabem conquistar e defender a cada momento e em cada lugar, contra as forças coligadas dos patrões e dos governantes, mediante a sua acção directa e solidaria. Pode o caminho da acção parecer o mais longo, pode demandar mais esforços, mas, sendo o unico efficaz, é, afinal, o mais curto, porque poupa a perda inutil de tempo e de energias e evita as illusões perigosas.

E depois esse caminho parecerá sempre o mais longo? Gastam-se annos em projectos e contraprojectos de lei, que são aprovados afinal muito contraditórios e emendados, negando no artigo 2.o o que concedem no 1.o; por fim, quando promulgada a lei, esta não é aplicada. O Estado não quer nem pode aplicá-la. Vai de encontro a poderosos interesses — se é favorável aos operarios. A reforma fica leta morta — salvo onde e quando os operarios a impõem e mantêm pelo seu esforço directo, pela sua vigilância, mesmo contra os agentes da lei! Em summa, os milagres do parlamento, do democratismo são absurdos como os da religião.

Comparem os dois methodos... e digam-nos se toda a infame burla do parlamentarismo não está precisamente em prometer milagres irrealizaveis, e em fazer crer em messias e providencias...

## Aos camaradas e grupos de cultura e afinidades libertarias do Brasil

O grupo "Nem deus nem patria", empenhando-se em contribuir para a maior difusão do ideal anarchista, decidiu traduzir e publicar em portuguez folhetos e livros de propagação dos principios de regeneração social, pondendo á venda, de 15 do corrente em diante, o folheto "Em tempo de eleições", de autoria do velho batalhador libertario Henrique Malatesta. Esse folheto, em um dialogo ameno, dentro a chimerica politica representativa, demonstrando, ao mesmo tempo, a unica solução ao problema de emancipação integral dos seres humanos, — A Anarchia.

Proseguindo na obra encetada, espera contar com a energia e boa vontade dos camaradas e sympathizantes.

Esse folheto constará de 16 paginas e seu preço será de 200 réis o exemplar; mais de 10 exemplares, 25 por cento de desconto. Pedidos, com a respectiva importancia, a José Romeiro, rua Jurubá, 27 (Canindé).

A segunda publicação será o folheto "Syndicalismo", da lavra do camarada Sebastião Faure, podendo-se fazer pedidos desde já, afim de regularizar sua tiragem.

## ATHENEU DE CULTURA POPULAR

Em outra parte do jornal occupamo-nos mal ou menos detalhadamente desta utilissima iniciativa libertaria. Temos agora de informar os leitores d' "A Plebe" que para hontem, á noite, foi convocada uma nova assembleia, para ser realizada tambem no Salão Gil Vicente, no Rio.

Nessa reunião, a comissão organizadora, nomeada na assembleia anterior, dá por finda a sua missão, por já ter concluido os trabalhos que lhe foram confiados, procedendo-se á organização definitiva do Atheneu.

Como este numero d' "A Plebe", a eve de ser impresso com antecedencia, sómente no proximo numero poderemos dar conta do que ficar resolvido nessa reunião.

## "A PLEBE," VOLTANDO AO CAMPO DA LUTA

Atingida mais uma vez pela reacção burguesa, "A Plebe" esteve com a sua publicação interrompida desde Junho de 1924.

Julgavam certamente, os tyranos do capitalismo e os transfugos, os politiqueiros que o porta-voz do anarchismo desta vez não mais restringia.

Como se vê, enganaram-se ainda uma vez. Como dos outros embares, elle resurge com o mesmo animo forte de sempre.

Voltando ao campo da luta para sustentar a causa libertaria, "A PLEBE" tem, entretanto, de contar com o apoio decidido, efficaz e permanente de todos aqueles que concordam com a obra que este jornal alimentou durante tantos annos e que continuará a alimentar sem transições em seus novos combates contra todas as formas de tyrannias e de opressões e pelo triunfo da liberdade e do bem-estar para todos, que sómente será possivel quando for implantado o regimen de verdadeira solidariedade humana — o comunismo libertario.

Contarmos, pois, com os camaradas. Estamos dispostos a dedicar o melhor de nossos esforços para que o baluarte do anarchismo possa resurgir cheio de vida, pleno de vigor e para que elle prospere na peleja em prol dos principios pelos quais tantos dos nossos companheiros sofreram toda sorte de supplicios: perseguições continuadas, prisões consecutivas, o desemprego, o desterro, a deportação, os martyrios corporaes e a morte nas regiões inhospitais do degredo.

Muitos dos batalhadores da "A PLEBE" tiveram essa sorte. A historia deste orgão, que surgiu e viveu para a defesa dos direitos dos opprimidos pelo dominio odioso do capitalismo sem entrinhas, constitue um patrimonio de sinceridade em face da prepotencia burguesa, que sempre o distinguia e o seu odio persistente e feroz. Para que o claram libertario cesasse de



## A Classe Operaria do Brasil

### TRABALHADORES!

A experiência tem demonstrado exuberantemente as vantagens da organização operária de resistência. Desunidos, os trabalhadores serão permanentes vítimas indefesas da prepotência capitalista; associados, os operários adquirem a força necessária para a defesa de seus interesses imediatos e para marcharem, de conquista em conquista, até a integralização de seus supremos direitos de emancipação.

Conservar-se dispersos, desprezando o grande valor da solidariedade, que tudo pode, é praticar uma fata de efeitos desastrosos para si, para suas famílias e para a causa do proletariado, que é a causa de cada trabalhador.

Impõe-se, portanto, um activo e ininterrupto trabalho de organização de toda a classe operária. Urge que os trabalhadores que já têm associações de suas profissões a elas se unam com entusiasmo, comparecendo às suas reuniões e assembleias, tomando parte activa em todos os trabalhos associativos, e que aqueles que ainda estão desorganizados tratem imediatamente de constituir as suas sociedades de resistência.

E, como os trabalhadores pertencem a uma única raça — a phalange dos explorados, dos opprimidos — torna-se indispensável formar-se um todo único da classe obreira para a peleja comum contra o inimigo communum — que é o capitalismo dominante e tyrânico. Que as organizações de uma mesma localidade se reunam em federações locais, reunindo-as estas em federações estaduais e todas reunidas, com as federações das uniões de indústrias, reconstituir-se a Confederação Operária do Brasil — que ha-de ser o baluarte poderoso de nossa causa — a causa da redenção dos trabalhadores do domínio odioso da burguesia.

### OPERARIOS!

Depende de vós, unicamente de vós, o desenvolvimento da obra da organização da classe trabalhadora! Activai-vos, portanto! Trabalhai pelas vossas associações, porque, dessa forma, trabalhareis em prol de vossos próprios direitos!

Não deveis esquecer, porém, companheiros, de que "a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores".

Nenhum benefício conseguireis sem que seja o resultado de vossos próprios esforços associados. De fóra, de partidos ou de elementos políticos nada podeis e deveis esperar — a não ser uma obra deleteria de desorientação, toda ela constituída de truques e explorações postas em prática em proveito de suas ambições de domínio.

Contae apenas com a força de vossas organizações, livres de qualquer intervenção de elementos políticos, embora se apresentem sob a denominação de blocos, partidos ou vanguardas proletárias — distâncias berantes de que se estão servindo os mystificadores metidos entre os operários.

Aproveitando a situação anormal que atravessa o país, quando centenas dos mais dedicados companheiros operários, que têm sacrificado o seu socorro, a saúde e a sua liberdade em prol da nossa causa, foram atingidos pelas perseguições do momento, tendo sido expulsos, deportados para regiões inhóspitas, presos em infestas prisões e em porões de navios ou obrigados a se foragirem, elementos animados por paixões patrióticas procuram arrastar os trabalhadores para a ação da política partidária, deviando as associações obreiras de sua verdadeira rota e trazendo para o meio proletário as discordias político-ideais que só servem para dividir as nossas forças ante o inimigo caloso e forte.

Proseguir na nossa obra de organização syndicalista, defendendo o nosso movimento da Intervenção da política, embora se apresente sob vestes rubras. Não desprezemos todo o esforço de dezenas de annos de luta e de experiências.

Não desonremos a memória dos dedicados companheiros tombados no Uyapock e cujos ossos devem servir de símbolo da nossa luta em prol da emancipação humana do jugo odioso da burguesia.

Expulse os políticos de nosso meio e organize-vos!

### União dos Trabalhadores Graphicos

Após um período amorfo, não só motivado pelas contingências de perturbação política do Estado como também pela inconsciencia de certos operários, a U. T. G., parece, torna a reerguer-se, despertando da insomnìa que a prostrava.

E isso deve-se à abnegação de alguns camaradas que, enfrentando mesmo as iras dos beleguins que faziam da U. T. G. um departamento do 7 de Abril, tiveram a feliz idéia de lançar à classe grafica um oportunismo manifesto, cujos efeitos foram coroados de êxito, sendo, os promotores dessa reacção, aclamados e empossados nos cargos da C. E.

Transcrevemos para as nossas colunas o manifesto dos graficos:

### MANIFESTO

#### QUE A ESQUERDA SYNDICALISTA DA U. T. G. APRESENTA À CLASSE GRAPHICA DE S. PAULO

##### Camaradas!

Durante o longo período de dois annos, numa abstinência enervante e dolorosa aos interesses e necessidades da classe grafica de S. Paulo, afastados da organização por motivos vários que o momento ainda não permite explicar, voltamos, novamente, ao seio da U. T. G., afim de cooperar para o seu engrandecimento moral e material, e não permitir que se burlem os princípios syndicalistas em que ella foi moldada.

A facção Esquerda Syndicalista que é formada por um grupo de amigos militantes, alguns delas fundadores da U. T. G. e que já prestaram relevantes serviços em momentos os

mais symptomáticos para a classe, não traz à cauda do seu programa intuições políticas ou joguinhas de interesses pessoais: seu programa elastizar-se-á conforme se irão apresentando novos desejos da classe, dentro porém dos fundamentos em que se guiam os syndicatos de resistência.

Os principais objectivos da Esquerda Syndicalista são:

Combate sistemático a todos os elementos "amarelos" que pretendem fazer da U. T. G. uma facção do syndicato dos industriais;

reforma dos estatutos, pois os que vigoram já não preenchem todas as aspirações da classe.

Outros pontos de grande importância a Esquerda Syndicalista não quer aqui expôr, afim de que nas futuras assembleias gerais possam os seus componentes apresentar os minuciosamente no contacto directo com os seus companheiros.

Graphicos! Cerrai fileiras em torno a esse punhado de desinteressados e apolíticos trabalhadores que só querem e desejam o engrandecimento moral da classe, combatendo todos os desmandos que queiram implantar no recinto da U. T. G.

Graphicos! Não esqueçais de que o Syndicato deve ser formado de homens que se guiem pela consciencia e não pela disciplina, exclusivamente.

O operario não é um só que se contenta apenas em comer, beber e dormir. Um tanto a mais nos nossos minguados salários não resolve a tristíssima situação das racionais bestas atreladas ao carro da explora-

ção. Nós queremos luz, queremos justiça, queremos liberdade!

Neste primeiro manifesto, a Esquerda Syndicalista abraça fraternalmente a classe a que pertence e ao proletariado em geral.

Avante, graficos!

### A ESQUERDA SYNDICALISTA

#### União dos Artífices em Calçados e Classes Annexas

Este syndicato, que, de uns annos a esta parte, tem sido alvo de toda a sorte de perseguições, durante o período do estado de sítio pôde quasi que sómente manter aberta apenas a sua secretaria, para o trabalho de expediente. Os seus militantes estiveram sempre sob as vistas dos galhofos policiais, que, de toda a forma, queriam apresentar serviços aos seus chefes do 7 de Abril e dos industriais.

Agora, porém, a classes está voltando á actividade syndical, demonstrando que o trabalho de educação associativa, no seu verdadeiro carácter, tem produzido resultados benfícios.

Já foram realizadas algumas assembleias, bastante numerosas e animadas, no Salão Italia Fausto, à rua Florencio de Abreu.

### União dos Chapeleiros

A antiga associação dos chapeleiros volta á actividade. No dia 23 de janeiro realizou-se uma reunião da classe com o fim de tratar da sua reorganização, o que, certamente, se conseguiu imediatamente, dado o espírito associativo dos chapeleiros, que sempre, desde há longos annos, trataram de alimentar o espírito de solidariedade na luta contra a exploração capitalista.

### União dos Canteiros

Este syndicato conseguiu vencer o período de reacção, tendo agora a sua sede à rua Barão de Paranaípeca, 4, sobrado, onde realiza a sua assembleia semanal da classe.

Os militantes da associação estão trabalhando no sentido de fazer com que a classe volte á actividade para a defesa de seus direitos, tão espinhosos nos últimos tempos.

### A Internacional

Este syndicato da classe dos empregados em hoteis, restaurantes, confeitarias, bars, cafés, etc., continua com sua sede à rua das Flores, 8, sobrado.

Influente, porém, a sua orientação não tem sido mantida de acordo com os verdadeiros princípios do syndicalismo, tão claramente assentados nos três Congressos Operários realizados no Rio de Janeiro pelas associações operárias do Brasil.

Ainda agora, ao que parece, reformaram-se, ou tratam de reformar os seus estatutos num sentido mais conservador, estabelecendo as velharias das directórias formalistas.

E de esperar que a classe voltará á actividade e dará ao seu syndicato o seu legítimo carácter de luta de classes, criando na sede um habiente de educação social e desprezando as normas rancorosas das velhas associações burguesas de beneficiencia.

### AS LUCTAS DOS TRABALHADORES

Era nossa intenção começar já neste número a publicar uma resenha tão desenvolvida quanto possível relativa ás luctas travadas pelos trabalhadores contra os arremedos gananciosos dos capitalistas. A exiguidade do espaço de que dispomos, porém, isso não nos permite.

Pretendímos ocupar-nos da greve dos chauffeurs, fazendo as considerações que o desenrolar desse movimento sugeriu. Somos, porém, forçados a adiar para o proximo numero.

Também teríamos de nos ocupar do movimento de duas corporações graficas, o que faremos no numero vindouro d' "A Plebe".

Deveríamos igualmente tratar da greve dos chauffeurs e carroceiros de Belo Horizonte e dos tecelões de duas fábricas do Rio de Janeiro.

Com a normalização de nosso serviço, faremos com que os trabalhadores encontrem no nosso jornal um reflexo de seu movimento, esclarecendo situações, repelindo as intrusões dos agentes da burguesia e procurando orientar os operários de acordo com o verdadeiro criterio de luta declarada contra o capitalismo ladra-vaz.

### GREVE DE COLONOS EM SERTAOZINHO

No mês p. p. declararam-se em greve 4.000 colonos das fazendas dos ssrs. Guilherme Schmidt e irmão.

A causa que motivou a paralisação do trabalho foi a falta de pagamento que se prolonga pela belleza de 24 meses!

Havia uma proposta do Banco de S. Paulo para fazer os pagamentos nas seguintes condições:

20% na occasião; 20% no prazo de trinta dias; 60% em tres prestações pagaveis durante o anno.

Resta ver se os pobres colonos não desgostaram totalmente a paciencia nestes longos 2 annos de espera, e estejam dispostos a esperar ainda por mais tempo o fruto de seu extenuante trabalho.

E assim mesmo: os fazendeiros têm dinheiro para tudo; para se divertirem, banquetearem, terem cocotes, concubinas em quantidade, automóveis luxuosos, para comprar votos para serem "grossos" na politcalha etc., e só não dispõem de dinheiro para fazerem face aos compromissos dos colonos, só não podem pagar os salários destes párias tão mal remunerados, que ganham uma migalha, esfalfando-se do sol a sol, numa ingrata tarefa, e têm como fruto de seu ingrato labor, que locupleta o vampiro de seu sangue. Não recebem sequer o miserio salário, que não basta para satisfazer ás mais impellen-tes necessidades da existencia.

E depois nos venham dizer que o Brasil é o paraíso dos colonos. O inferno é que é.

os preconceitos políticos e religiosos, que só nos prejudicam. É preciso concretarmos para o trabalho de organização das nossas associações de resistência.

Não nos esqueçamos do valor educativo da imprensa proletária, da biblioteca, obras sociológicas, da propaganda emancipadora do proletariado por meio de livros, opusclos e conferências, porque, assim, faremos com que as novas ideias nos conduzam para a cidade do amor, da paz, da liberdade, da fraternidade e da justiça.

Concordando para tudo isso, temos cumprido o nosso dever.

Trabalhemos, portanto, para a prosperidade d' "A Plebe", não poupando para isso sacrifícios, porque ella serve de garantia e defesa na luta contra os tyranos que nos exploraram.

Eia, avante! Companheiros! Auxiliem-a, divulguem-a!

Herme-Gildo

### A EXISTENCIA DA "A PLEBE"

"A Plebe" resurge no campo da peleja libertaria em seu 11.º anno de existencia, pois o seu primeiro numero foi publicado em 9 de junho de 1916. Já vencemos, portanto, 10 annos e meio de lutas.

De 9 de junho de 1916 a 30 de Outubro de 1917, o jornal foi publicado semanalmente, sem interrupção, no formato maior, que é o desta phase.

Interrompida a publicação em virtude do estado de guerra, em que foi impedida de circular, de novembro de 1917 a janeiro de 1919, reapareceu em 22 de fevereiro de 1919, publicando-se, sem interrupção, semanalmente, até 30 de agosto do mesmo anno.

Em seguimento, sem interrupção, sempre no mesmo formato, iniciou-se a phase diária, que durou de 7 de setembro a 1 de novembro de 1919, quando foram assaltados e distruidos os nossos oficinas e escriptorios.

Interrompida a publicação diária, reiniciou-se a publicação semanal, no mesmo formato, em 22 de novembro de 1919, durante, sem interrupção, no mesmo formato, até 4 de dezembro de 1920. Desta phase, o 1.º numero foi publicado em S. Paulo, por um grupo improvisado de sympathizantes e os 5 seguintes, embora com o endereço de S. Paulo, apareceram no Rio de Janeiro em virtude da reacção.

De 11 de dezembro de 1920 a 1 de janeiro de 1921, o jornal publicou-se bi-setanualmente.

Não podendo continuar a publicar-se duas vezes por semana, devido ás perseguições, recomençou-se a publicação semanal em 15 de janeiro até 21 de maio de 1921, ainda no mesmo formato.

Depois disso, o jornal foi transferido para o Rio de Janeiro, onde foram publicados 5 numeros, de 28 de maio a 25 de junho de 1921, no formato menor, sob a direcção de militantes daquela cidade.

Transferido novamente para S. Paulo, aqui se publicaram 3 numeros, no formato menor, sem periodicidade certa, de 30 de julho a 11 de novembro de 1921.

Em 19 de março de 1922 reencontrou-se a publicação regular do jornal, no formato menor, aparecendo quinzenalmente até 12 de abril de 1924, quando passou a semanal, publicando-se até 24 de julho do mesmo anno, vendo que o ultimo numero apareceu no periodo da revolução. Nessa data, foi interrompida a publicação em virtude do estado de sítio.

Agora, "A Plebe" reaparece em seu primeiro formato e publicar-se-á quinzenalmente até que consigamos normalizar as suas relações entre os nossos militantes, do auxilio dos quais depende a vida e o desenvolvimento de nossa folha libertaria.

Qualquer auxilio deve ser remetido promptamente para a Caixa Postal 125, S. Paulo.

Balancete que deveria ser publicado em Julho de 1924

### ENTRADAS

Saldo verificado no n.º 243 . . . . .	805\$600
Contribuições varias do Grupo S. de Fortaleza (Gardi) . . . . .	111\$800
Idem do grupo "Os Sem Patria", de Sorocaba . . . . .	50\$000
Lista e pagamento de jornaes da U. G. da C. Civil, de Recife . . . . .	50\$000
M. T. dos Santos, Bahia . . . . .	20\$000
Lista do Grupo "13 de Outubro", de Biriguy . . . . .	50\$000
Lista n.º 18, a cargo de José Pérez, S. Paulo (Esta lista extraviou-se) . . . . .	24\$000
Grupo P. Social, do Rio . . . . .	30\$400
Venda avulsa na rua . . . . .	190\$000
Contribuições varias . . . . .	180\$500
Total . . . . .	1.510\$000